

O barquinho vai

Fernando Pedreira

“A política”, dizia o poeta, “pode comparar-se a um rio”. Não um rio ainda perto da nascente, na montanha, de águas rápidas e claras, mas um rio já próximo do mar: caudaloso, turvo, carregado de toneladas de detritos e sedimentos, pardo e pesado. Um rio assim, vizinho da foz, frequentemente forma meandros e se divide entre os vários braços de um delta.

Sabe todo bom barqueiro que, para negociar seu caminho nas águas do rio, é preciso conhecer-lhe as manhas e as partes: há o canal, onde as águas são mais fundas e a correnteza corre forte e decidida; há o risco dos rodamosinhos, rodando em torno de si mesmos; e há remansos, onde uma ilha, um banco de areia, ou uma ponta qualquer de terra acalma as águas e parece interromper-lhes o fluxo.

Para melhor entender o que hoje se está passando na política brasileira, nestes meses que precedem as eleições presidenciais de novembro, a imagem do rio e de suas partes pode ser útil. Vão os candidatos navegando cada um no seu barquinho. Alguns parecem deslizar velozmente, mas na verdade estão presos ao rodamosinho da sua facção ou da sua ideologia; progridem em círculos mais largos ou mais estreitos, mas que tendem a fechar-se à medida que aumenta a velocidade da corrente. Como o Lula.

Outros procuram fugir, abrir os círculos, como Brizola, mas sem conseguir nunca livrar-se do vórtice (populista, caudilhesco), que é a origem verdadeira do seu impulso e de sua força. Há os que batalham em vão, estagnados num remanso à margem; e há afinal os que, por algum motivo (por esperteza, por acaso ou simplesmente por instinto), encontraram o canal das águas fundas e avançam sem esforço aparente, arrastados pela corrente, no rumo do seu destino.

Esse destino, é bem verdade, pode esconder, logo adiante, os azares de uma catástrofe. E há sem dúvida exemplos históricos de rodamosinhos tão vastos e tão poderosos que são capazes de arrastar no seu turbilhão nações inteiras e engolir o próprio rio.

No atual caso do Brasil, não há rodamosinhos desse tipo, nem sequer barragens ou barreiras que possam provocá-los, embora haja algumas fortes enxurradas. O que torna o nosso exemplo peculiar e digno de nota (porque contraria as normas usuais da navegação político-eleitoral) é o fato de terem os principais candidatos e os maiores partidos, sem exceção, se deixado prender, ou no círculo vicioso dos seus próprios vórtices ideológicos, ou nas águas paradas de algum óbvio banco de areia.

Apenas um único e improvável barquinho dispôs-se a singrar as águas do canal e aproveitar a força natural da correnteza. Que esse barquinho, vindo lá das Alagoas, tenha podido chegar tão longe é, na verdade, menos mérito seu do que consequência dos erros e das culpas dos concorrentes. Mesmo hoje, diante dos reiterados resultados das últimas pesquisas de opinião, ninguém dirá que a candidatura Collor de Melo seja propriamente forte; as outras é que parecem fracas, ou melhor: mostram-se inaceitáveis para a ampla maioria do eleitorado.

Algumas, como a do PT, são estimáveis e respeitáveis, mas

limitadas pelo primarismo e estreiteza de vistas dos militantes e ideólogos que as sustentam. Nas eleições municipais de 88, há seis meses, o Partido dos Trabalhadores foi o pólo preferido dos votos de protesto de um eleitorado que não tinha em quem votar e só encontrou candidatos a seu gosto no Recife (Joaquim Francisco) e em Curitiba (Jaime Lerner). Desta vez, ao contrário, Lula surgiu desde o início como um dos aparentes favoritos. Votar nele já não é apenas votar contra o governo e o atual estado de coisas, mas correr o risco de entregar o poder a um candidato e um partido que parecem ainda imaturos para a função e, na verdade, não poderiam pôr em prática suas idéias e seu programa sem provocar no país uma crise ainda bem mais grave e desastrosa do que a atual.

Os outros candidatos supostamente de primeira linha são, na verdade, os do remanso, os do irremediável banco de areia. Há entre eles nomes de respeito (Ulysses, Waldir Pires), mas não há como pô-los a navegar na corrente formada pela grande massa da opinião pública, porque eles são legítimos representantes, explícitos e implícitos, daquilo, precisamente, que o eleitorado hoje repudia e detesta: os políticos, o Congresso, a administração pública manchada de emprego, roubalheira, desidia e falta de vergonha.

O PMDB e o PFL são os responsáveis diretos e imediatos pelo presente estado de coisas. E o PDT de Brizola, que se pretende uma alternativa, tem como meta e programa a volta à origem populista, janguista, matriz dos vícios que fizeram da nossa política o que ela é hoje: o patrimonialismo, a corrupção, o paternalismo demagógico e caudilhesco.

O engano dos candidatos do banco de areia, mesmo os melhores dentre eles, é pensar que o desgosto e o desprezo do povo visam, agora, apenas o presidente Sarney e seu governo e que lhes bastaria “romper” com o palácio ou apresentar-se como oposicionistas para obter a indulgência dos eleitores.

Na verdade, se a vasta maioria da opinião não quer um confronto revolucionário (à maneira da CUT e dos radicais), seu desgosto, seu nojo cívico, seu sentimento de frustração moral certamente não se satisfariam com uma simples troca de guarda nos palácios de Brasília. Mudar apenas as moscas, pôr Ulysses ou Brizola no lugar de Sarney e continuarem a corrupção, a incompetência, a impunidade e a falta de vergonha?

O que o país quer, o que está indicando o rumo atual do rio dos votos e da opinião, é uma mudança bem mais profunda e séria do que um simples troca-troca entre demagogos e políticos espertos. Uma mudança (ou ao menos o começo de uma mudança) de geração e de espírito, na linha do que faz o camarada Gorbatchov na Rússia, ou do que fez na Inglaterra a feroz senhora Thatcher. Nada menos.

A política de que o Brasil dispõe, hoje, é uma velharia herdada do antigo sistema da corrupção populista, getuliana, e certamente não está à altura das novas gerações, não está à altura do país novo que trabalha e produz, em S. Paulo, no Centro-Sul, no Centro-Oeste, no sertão do S. Francisco e no resto. É preciso varrer essa tralha corrompida e gasta, os Lucenas e Paes de Andrade, romper esses cartórios e cartéis obsoletos e injustos, abrir caminho para gente nova e moça, competente e competitiva.

JORNAL DO BRASIL